

Editorial

A flecha lançada

Eduardo Freitas

A nossa revista carrega como símbolo o *Sankofa* estilizado em um origami. Símbolo este um dos ideogramas de *adinkra* da arte tradicional do povo Ashanti, do Golfo da Guiné. Um pássaro que volta sua cabeça para a cauda, que volta a outrora para ressignificações do agora. Símbolo africano de resistência e preservação. Coragem e resistência. Ao pararmos para analisar, diante de um cenário de cortes orçamentários na ciência, na educação e na cultura, são essas as duas palavras que conduzem o processo de criação de um periódico científico levantado por estudantes de História do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IH/UFRJ). Nascida como uma demanda de alunos dali que se viam a parte da produção acadêmica universitária da maior universidade federal do país e, mobilizados na direção de construir uma revista que trouxesse a irreverência estudantil alinhada ao comprometimento e rigor que a divulgação e publicação de trabalhos de graduando merecem, o Conselho Editorial foi construído.

Hoje vivenciamos um discurso de “política de redução de gastos” do governo ilegítimo de Michel Temer, bem como do governo de Luiz Fernando Pezão que vem agravando os cortes de gastos públicos na produção científica do país e do estado, comprometendo o desenvolvimento de pesquisas e da própria ampliação do ensino superior. Congelamentos e retração de pesquisas, a interrupção do maior programa de formação docente do Brasil, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), o êxodo de cérebros, a precarização da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), a redução orçamentária na área da cultura por parte do governo estadual, bem como o fechamento das Bibliotecas Parques. Todo esse ambiente sombrio e vertiginoso pode ser traduzido em desestímulo aos jovens cientistas em formação que não veem mais espaço de crescimento no Brasil.

Somado a isso, o Rio de Janeiro testemunhou cortes de subsídios municipais para a sua festa mais popular, o carnaval. E como já cantava o mestre Dorival Caymmi “Quem não gosta de samba bom sujeito não é. É ruim da cabeça ou doente do pé”, o prefeito da cidade do Rio de Janeiro, bispo da IURD, Marcelo Crivella, repassou somente 50% do valor em relação ao ano de 2017 para a realização da festa. Não só o carnaval das grandes escolas de samba fora ameaçado, como houve tentativas de confinamentos, com a implementação de catracas e o deslocamento dos blocos de carnaval de rua a espaços segregacionistas e os mesmos sendo impedidos pela prefeitura de realizar seus ensaios tradicionais.

De tom festivo e ao mesmo tempo de contestação, o lançamento da primeira edição da Revista Outrora emerge de um mar reacionário, de substratos religiosos na política, do avanço do conservadorismo, da austeridade econômica e da intolerância racial e religiosa. Sobre isso, o editorial inaugural da primeira edição convergiu em dedicar-se ao carnaval, que outrora marginalizado na Primeira República, vive em momentos de reinvenção do pertencimento no estado do Rio de Janeiro. E mesmo que haja discussões sobre a perda de características comunitárias do carnaval do Rio, nada mais justo que o carnaval e suas práticas performáticas no limiar da espetacularização e da resistência, que articula o passado e o presente, a espacialidade, o corpo e o discurso, evidenciando elementos diaspóricos para expressar a diversidade cultural da sociedade brasileira.

Nesse imbróglio, a Revista Outrora pisa firme no chão: a universidade não deve ficar aquém da sociedade civil. Nós, historiadores em formação, por meio do estímulo à produção e confronto de ideias, somos capazes de contribuir com a resolução de problemas da sociedade apontando soluções e alternativas. No caso da universidade, enquanto acadêmicos e jovens estudantes de uma universidade pública, enfrentamos um complexo desafio: como conciliar nosso valioso conhecimento intelectual com as justas discussões e ações locais? Assim, propomos desafiar a nós mesmos em não somente construir uma revista para nossos pares, mas também contemplar âmbitos marginalizados e pouco vistos pela universidade. O projeto que nasce aqui, tão só se limita a prestar contas com publicações semestrais. Ele assume o comprometimento de retorno para com a sociedade, de extrapolar os muros da academia e não abdicar de nossa função primária enquanto um periódico convicto de uma universidade (ainda) pública.

Em nossa primeira edição, a Revista Outrora faz-se por 8 (oito) artigos, 3 (três) resenhas e 2 (duas) entrevistas. O Conselho Editorial optou por artigos livres que abarcasse os mais diversos campos multifacetados da História, bem como seus métodos e objetos de pesquisas. Na seção de entrevista, alinhado ao nosso valor social e no acompanhamento das transformações da realidade carioca, entrevistamos a primeira porta-bandeira da agremiação Estação Primeira de Mangueira, Squel, e o intelectual e sambista Nei Lopes.

No artigo “**O Asilo Nossa Senhora da Lapa e as Sociabilidades em Campos dos Goytacazes (1864-1874)**”, Mariana Salvador da Silva investiga as relações em âmbito social e políticas assentadas pelos irmãos da Santa Casa de Misericórdia de Campos dos Goytacazes na segunda metade dos Oitocentos. Utilizando-se de suas fontes, o relatório da Misericórdia (1864) e o livro de registros do Asilo (1864-1962), a autora constata ligações e arranjos sociais entre homens que figuravam importantes espaços locais e cargos administrativos, expressando redes de sociabilidade com o propósito de alçar posições de prestígio no Brasil oitocentista.

No artigo “**A defesa da lei em tempos sombrios: a atuação da OAB no regime militar**”, Patrick Henriques Gonçalves analisa o desempenho da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) no período da ditadura civil-militar do país (1964-1985). O autor destaca dois momentos de relação por parte da Ordem; nos primeiros anos, aproximação e legitimação ao golpe e após a radicalização do regime, a luta e ruptura com o governo vigente.

No artigo “**Memórias de uma enfermeira: o trauma na autobiografia de Vera Brittain**”, Tamires Nogueira da Silva, lançando-se a conceitos de memória e trauma, investiga a experiência traumática da Primeira Guerra Mundial por meio do relato autobiográfico de Vera Brittain. A autora do artigo, através da análise narrativa e mnêmica da obra, dissecou o processo de escrita e objetivos do relato, trabalhando seu contexto histórico.

Em “**Entre o silenciamento e a rebelião: As possibilidades de ação das mulheres em Lisistrata**”, Camila Miranda Jesus Tenreiro, elucida questões referentes a status, realidades e ações das mulheres da Grécia Antiga em comédias, a partir da leitura da peça *Lisistrata*, escrita por Aristófanes em 411 a.C. A autora aponta noções diferentes das usuais, onde mulheres gregas, diferidas de elementos encontrados na contemporaneidade, não eram tão duramente submetidas a questões de gênero, mas possuíam certa possibilidade de ação muitas vezes viabilizado pelo próprio ideal normativo que buscava oprimi-las.

No artigo “**A Justiça Brasileira: imaginário artístico no Palácio do Supremo Tribunal Federal na Primeira República**”, Douglas de Souza Libório e Gabriel Henrique Caldas Pinheiro analisam o ideal de construção de uma tradição nacional par a Justiça Federal, ancorada na *Iustitia* romana no bojo de decorações e símbolos romanos da Sala de Sessões do Palácio. Os autores utilizam como quadro teórico o conceito de “invenção das tradições” de Eric Hobsbawm no intuito de compreender o processo de afirmação das instituições republicanas brasileiras, inspirado nas feições europeias e que se dispunha a estabelecer uma continuidade com a Antiguidade Clássica.

Em “**Mulheres em contextos revolucionários: a análise de um livro e um filme**”, Larissa Ribeiro Raimundo e Lays Correa da Silva investigam duas obras artísticas sobre mulheres em processos revolucionários: o filme *Persépolis* inspirado no livro em quadrinhos de Marjane Satrapi e o livro *A guerra não tem rosto de mulher* da bielorrussa Svetlana Aleksievitch. As autoras tratam a Revolução Iraniana e Revolução Russa a partir da problemática da inserção da mulher nas narrativas oficiais dessas revoluções.

No artigo “**Nacionalismo e identidade Palestina através da obra de Ghassan Kanafani**”, Márcio de Oliveira Albuquerque se debruça sobre a questão da construção do nacionalismo palestino. A experiência da dominação por entidades estrangeiras desenvolve um senso de comunidade entre os palestinos, levando ao reconhecimento de um corpo social coerente na formação do nacionalismo palestino. A partir de então, o autor utiliza-se de Ghassan Kanafani, que adotava contornos políticos nas suas obras, realizando relações entre a questão identitária, nacionalismo e o contexto vivido pelo palestino.

Gabriel da Costa Santos, em seu artigo “**Presos vão para o Caio Martins: o uso do complexo esportivo como prisão política em 1964**”, analisa o estádio Caio Martins e sua utilização como prisão política na cidade de Niterói durante o ano de 1964. O autor, por meio de arquivos, depoimentos de ex-presos e notícias de jornais, traz alguns desdobramentos das ações militares em 1964 na respectiva cidade. O estádio tornou-se um dos primeiros estádios a ser usado como cárcere político e centro de torturas da América do Sul.

No artigo “**O silêncio dos japoneses cristãos: uma análise historiográfica do filme Silêncio (2016)**”, Vinicius Sales Barbosa e Ygor Yuji Utida analisam criticamente a estrutura da película cinematográfica *Silêncio* (2016), dirigida por Martin Scorsese, e abordam a importância da trilha sonora para a discussão central proposta pelo diretor. Os autores também analisam a apresentação das missões jesuítas no filme, trabalhando como objetivo central, o papel dos cristãos japoneses para a cristianização, segundo a historiografia, e criticam a representação que a respectiva obra constrói.

Em “**Mau robô, bom robô: considerações sobre o ‘Complexo de Frankenstein’ no Cinema de Ficção Científica**”, Patrick Diego Souza e Silva empreende um breve estudo do cinema de ficção científica, especificamente sobre o subgênero das histórias de robôs, tendo como eixo de estudo a problemática que diz respeito à aceitação (ou não) dos robôs dentro das sociedades humanas. O autor defende o deslocamento, propiciado pela modernidade, de conceitos definidores de humanidade. Lançando-se sob amparo da História e da Antropologia, a pesquisa utiliza-se como objeto de estudo o filme *WALL-E* (2008), buscando evidenciar as mudanças ocorridas no

imaginário popular que possibilitaram o surgimento de uma primeira tendência, que se inicia nas primeiras décadas da história do cinema, pessimista em relação aos robôs, e posteriormente de uma segunda tendência, na segunda metade do século XX mais acolhedora.

Camila Peres Lima nos brinda trazendo a resenha do livro “**Malcolm X – Uma vida de reinvenções**” do historiador William Manning Marable. Nela, a autora apresenta as múltiplas identidades do biografado Malcom X: um afro-americano muçulmano, que dedicou toda sua trajetória, mobilizou a consciência de milhares de pessoas, expôs e combateu o racismo presente em todas as camadas da sociedade norte-americana.

Laís Prestes Redondo elabora para esta edição a resenha do livro “**Mulheres, Violência e Justiça no século XIX**” da historiadora Marinete Aparecida Zacharias Rodrigues. A autora enfatiza novas pesquisas sobre a História das mulheres e as relações de gênero e as variadas formas de violências e relações de micropoderes entre os gêneros femininos e masculinos na província mato-grossense e suas recorrências pela e com a Justiça.

A resenha elaborada por João Victor Machado Da Silva é do livro de Courtine e Piovezani, “**História da fala pública: uma arqueologia dos poderes do discurso**”. O autor destaca a abordagem interdisciplinar da obra, bem como sua promoção entre os estudos históricos, linguísticos e literários além da importância do livro aos estudos da fala pública.

Por fim, o Conselho Editorial gostaria de agradecer a todos aqueles que de qualquer modo materializaram esse projeto, depositando confiança e reconhecimento nessa iniciativa por parte de graduandos de história. A tarefa é grandiosa e a Revista Outrora não falhará na sua parte.

Boa leitura!